

Cheryl Holt

MEU
ÚNICO AMOR

Tradução
Maria Ponce de Leão

*Quinta Essência**

1

Maggie Brown perscrutou o salão de chá a abarrotar em busca de George. Da sua mesinha a um canto, não conseguia ver a porta de entrada do estabelecimento e era, portanto, incapaz de ter a certeza se ele entrara ou não. Conhecendo-o como conhecia, tinha a certeza de que ele varreria a multidão com um olhar casual e, se não a avistasse imediatamente, sairia logo em seguida, usando a sua ausência como a desculpa perfeita para a visitar mais tarde.

Ainda estremecia ao pensar na última vez que ele a tinha visitado. Duas semanas antes, aparecera já a noite ia adiantada quando ela e Anne se preparavam para recolher aos seus aposentos. Embriagado e grosseiro, exigira o direito de se lhe juntar na cama, dizendo que chegara a altura de ser recompensado por conceder a Maggie e Anne o privilégio de viverem sem pagar na pequena casa de que era proprietário. Somente a presença de Anne, firme e insistindo para que se fosse embora imediatamente, tinha salvado Maggie nessa noite. Podia não ter tanta sorte uma segunda vez.

Era esperar demasiado pensar que ele solicitara aquele encontro por ter finalmente arranjado coragem para se desculpar pela sua abominável conduta. Poderia viver até uma idade avançada antes que qualquer desculpa saísse dos seus lábios franzidos. Aquele tipo de indivíduo nunca responderia pelo seu comportamento, por mais desprezível que fosse. Não, ele queria falar-lhe sobre uma questão totalmente diferente e decerto não seria coisa boa.

Desde aquela noite horrível, aguardavam a retaliação que constituía uma certeza. George era previsível e a facada no seu ego, bem como na sua virilidade, não seria facilmente perdoada ou esquecida. George não era pessoa para ignorar o facto de que lhe tinha oferecido a oportunidade de pagar a renda deitando-se de costas e ela tivera a audácia de recusar.

Ele encarava indubitavelmente a proposta de uma ligação sexual como uma bênção para Maggie. Afinal, ela não passava da filha de uma cortesã recentemente falecida. Por que razão não agarraria a oportunidade de ser sua amante, como a mãe, Rose, fizera? Maggie estremeceu ante essa ideia. Nunca na vida se ligaria a um homem como George Wilburton. Nem que lhe custasse até à última gota do seu senso comum e recursos, encontraria uma forma de levar uma vida diferente da de Rose.

Rose Brown, que Deus a tivesse em paz, fora amante de vários indivíduos durante a sua curta vida, tal como a sua querida amiga, Anne Porter. Desde muito cedo que ambas haviam protagonizado o papel de mulheres por conta, devido a infortúnios familiares.

Na juventude, poucos atributos tinham além da beleza e dos corpos para singrarem na vida. Um misto de origem, educação e pura sorte colocara-as acima da posição de vulgares prostitutas. Em vez de clientes diários, tinham mantido, de uma forma mais respeitável, ligações com diversos indivíduos que se ocupavam das suas necessidades financeiras em troca de favores sexuais regulares e monogâmicos. Tratava-se de uma existência precária, carregada de incertezas e fortunas oscilantes, e, por conseguinte, passavam cada dia de cada ano a interrogarem-se sobre o que aconteceria, caso os homens das suas vidas se cansassem delas e as mandassem embora.

Maggie tinha crescido na pequena casa que julgara pertencer à mãe, observando as chegadas e partidas de diversos homens na vida de Rose, enquanto ela passava de um nobre para o outro como um animal de raça. A sua beleza e encanto tinham-na tornado uma lenda, mas haviam começado a decair quando se aproximara dos quarenta anos, sem nunca encontrar o que ansiosamente desejava: uma pensão vitalícia de um dos amantes que lhe proporcionasse uma

velhice descansada. Em vez disso, vira-se reduzida a ser sustentada por indivíduos como George.

George era um homem rude e avarento que inspecionava e se queixava de cada centimo gasto por Rose. Um homem tão falho de capacidades na cama que Maggie tinha ouvido frequentemente Rose e Anne trocarem segredinhos e risadas quando ele se ia embora. Mesmo assim, fora útil nos últimos anos.

As suas atenções permitiram-lhes continuar a viver na casa onde Maggie crescera. Tiveram um teto a abrigá-las e comida no estômago durante os três anos em que Rose servira George. Anne também conseguira ficar com elas, portanto, não tivera de procurar um novo amante quando o último morrera num acidente. Logo que Rose adoeceu, George podia tê-las posto na rua, mas não o fizera. Haviam ficado com uma casa durante todos os terríveis meses até ela acabar por morrer.

Contudo, agora o que seria delas? Maggie estava receosa de saber.

Nesse preciso momento, avistou George a atravessar a sala. Soergueu-se na cadeira e acenou para lhe chamar a atenção. Ele era um homem magro e ossudo, dolorosamente vulgar, e Maggie não conseguia impedir-se de perguntar o que a mãe tinha visto nele.

George avançou pelo estabelecimento a abarrotar, murmurando desculpas ocasionais, sempre que esbarrava numa mesa pelo caminho. A jovem reparou que ele deixara crescer as patilhas desde a última vez que o vira, permitindo que avançassem pelas faces, talvez para disfarçar a rápida queda de cabelo. Infelizmente, o acréscimo de pelos tivera o efeito contrário. Parecia mais careca do que nunca.

A roupa e as joias de George, bem como a carruagem que estacionara rudemente diante do salão de chá, testemunhavam o facto de que era um cavalheiro com algumas posses. O próprio dono dirigiu-se apressadamente à mesa e afastou uma cadeira, batendo palmas e ordenando às empregadas que trouxessem mais chá e mais biscoitos. O que quer que George quisesse, receberia.

– Olá, George – cumprimentou Maggie. Há muito que tinham desistido de quaisquer tentativas de formalidade. Era difícil manter cortesias adequadas quando ele passara três anos a entrar e a sair do quarto de Rose sempre que queria.

– Obrigado por teres aparecido prontamente, Magdalina.

Maggie sentiu que ele a despia com o olhar. Tinha uma maneira especial de o fazer, observando-a do cimo da cabeça aos seios e novamente no sentido contrário. Uma vez que isso acontecia sempre que estavam juntos, há muito que deixara de se preocupar com o insulto. A sua aparência com a bonita mãe era inacreditável em quase todos os sentidos e fazia com que cabeças masculinas se virassem frequentemente na direção dela, demorando muito mais tempo do que o adequado. Estava habituada à ousada avaliação e nunca desviava o olhar quando a fixavam.

Nem alta nem baixa, com a altura exata para deter o olhar de um homem, o corpo dela era esbelto e com curvas nos lugares certos. Tinha uns seios e umas ancas macios e fartos, ressaltados pela cintura fina. O cabelo castanho-claro descia em ondas compridas e exuberantes, realçadas por madeixas douradas e ruivas. Os caracóis emolduravam delicadamente o rosto em forma de coração, acentuando as faces lisas e rosadas, os lábios proeminentes. Os olhos detinham uma exótica tonalidade azul fazendo com que as pessoas – mas sobretudo os homens – olhassem duas vezes com a esperança de detetar algo nas profundezas insondáveis. O tom mudava com a cor da roupa e nesse dia parecia violeta, acentuado pelo escuro das suas vestes de luto.

Quando ele continuou a observá-la, corou um pouco, irritada que a tratasse com uma tal falta de respeito num lugar público. Recusando facilitar-lhe a atitude desviando o olhar, fixou-o até perceber que havia mais do que uma mera avaliação sexual na expressão dele. Temendo que Anne estivesse certa, de que ele se preparava para ajustar contas com as duas, sentiu um pequeno estremecimento de medo a percorrer-lhe a espinha.

Tentou esboçar um sorriso, enquanto avaliava mentalmente as possibilidades seguintes e disse:

– Fiquei surpreendida ao receber a sua mensagem. Espero não lhe ter desagradado com as despesas familiares. Esforcei-me por ser frugal.

– Não te chamei por causa das contas. Deixaram de me interessar.

Maggie estendeu a mão para o guardanapo e tentou abster-se de rolar ansiosamente a ponta entre os dedos. Se George não estava preocupado com dinheiro, algo de terrível ia acontecer.

– O que se passa, então? Se me permite a ousadia de perguntar?

– Decidi voltar a casar.

Maggie susteve a respiração, aguardando enquanto ele devorava um prato de biscoitos e depois o estendia à criada para repetir a dose. A rapariga afastou-se a correr e Maggie não aguentou o *suspense*.

– E?

– Vou vender a casa.

Maggie soltou uma exclamação abafada. Embora Rose nunca tivesse sido dona da casa, ela fora comprada em primeira mão pelo pai de Maggie, o duque de Roswell, quando Rose fora amante dele vinte anos antes. Rose tinha engravidado de Maggie e o duque destragara-lhe o coração ao largá-la a um amigo por esse motivo. A casa mudara de proprietário, mas a mãe continuou a viver lá.

Por seis vezes, ao longo dos dezanove anos de Maggie, Rose conseguira usar a sua beleza e capacidades sexuais para atrair um novo protetor. Sempre que um cavalheiro desistia dela, limitava-se a vender a propriedade ao seguinte. Maggie nunca tinha vivido noutro lugar, nem imaginava que alguém fosse tão cruel a ponto de expulsá-la de lá.

– Vai vender a minha casa?

– Temo bem que sim. A minha noiva é uma mulher astuta e não duvido que ficaria muito desagradada caso ficasse a par de que te sustento.

– Mas não é verdade... nós não somos... – balbuciou ao mesmo tempo que toda a cor lhe afluía ao rosto. Dado ter crescido numa casa com duas cortesãs, estava habituada a uma conversa sexual sem rodeios, mas não tinha experiência de falar dessas coisas com um homem.

– Duvido que a minha noiva perceba a diferença.

A jovem riu, esperando aligeirar a situação, mas falhou em toda a linha. O medo que a voz espelhava era demasiado visível.

– Tenciono pôr-me na rua?

– Precisamos de te encontrar um alojamento.

Maggie respirou mais aliviada. Se ele estava disposto a encontrar-lhe outro lugar, talvez o final não fosse assim tão mau. Acima de tudo, queria ser capaz de impedir que Anne voltasse a servir outro cavalheiro.

– Não preciso de muito – declarou. – Tenho a certeza de que nem sequer dará pelo custo de uma casa tão pequena.

George fixou-a, sem primeiro entender o que ela queria dizer, e em seguida percebendo que ela interpretara as suas intenções de uma forma totalmente errada.

– Desculpa. Não me fiz compreender. *Precisarás* de arranjar outro local. Decerto ficaria muito feliz em prestar ajuda. Como um favor à tua mãe, claro.

– Claro – repetiu Maggie baixinho, interrogando-se sobre o tipo de ajuda que ele teria em mente. Sabia que *deveria haver mais do que aquilo*. Tratava-se sem dúvida de outro estratagema para levá-la para a cama dele, algo que tinha jurado que nunca aconteceria. – O que devo fazer para que mude de ideias?

– Nada me fará mudar de ideias.

Maggie notou pela primeira vez a firmeza da resolução. Ele pretendia mesmo expulsá-la da casa. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– Prometeu à minha mãe, no seu leito de morte, devo acrescentar, que me deixaria ficar. Ela só morreu há seis semanas. Jurou-lhe e ela quase não arrefeceu na cova.

– Não quis afligi-la mais nesse momento e, quando fiz a promessa, falava a sério – retorquiu com um encolher de ombros. – Não era na verdade minha intenção expulsar-te da casa. Contudo, a situação mudou. Vou casar e não me parece muito honesto da minha parte usar fundos da minha mulher para sustentar a filha da minha amante. – Desviou o olhar, brincou com a comida no prato, e em seguida olhou para trás, visivelmente embaraçado. – Além disso, tive um pequeno infortúnio. Até casar, posso usar o dinheiro extra da venda da propriedade.

– Essa *propriedade*, como tão jovialmente se lhe refere, é o único lar que conheci.

Maggie queria mostrar-se furiosa, mas não conseguia. Afinal, George deixara-as ficar muito tempo depois de a doença de Rose a impedir de funcionar como sua amante.

– Quanto tempo tenho? – conseguiu perguntar.

– Vou dar-te três meses.

– Mas não possuo dinheiro, nem aptidões. Nunca tive um emprego. O que espera que faça?

– Podes casar, suponho.

– Em três meses?

Ambos sabiam que não havia perspectivas no seu horizonte e era altamente improvável que ela conseguisse encontrar um homem que quisesse desposá-la em tão pouco tempo.

– O que querias que fizesse, Maggie?

– Deixe-me ficar na minha casa. Dê-me uma oportunidade para assentar os pés na terra. Ainda estou a sofrer tanto com o choque da morte da minha mãe que não consegui recuperar-me.

– Compreendo que estejas a sofrer, mas já expliquei porque não posso continuar a ajudar – reagiu George, mexendo-se desconfortavelmente na cadeira. – Tive uma ideia – acrescentou –, mas duvido que a consideres aceitável.

– Fale.

– Pensei que podia apresentar-te a alguns dos meus amigos. Como sabes, sou um homem bem relacionado. Talvez pudéssemos... pudéssemos... – Engoliu em seco e a maçã de adão ressaltou visivelmente quando pôs a sugestão em cima da mesa. – Podemos encontrar alguém que comprasse a casa com o mesmo acordo que fiz com a tua mãe.

No início, Maggie não compreendeu o significado das palavras. Mas quando se fez luz na sua mente, corou de raiva.

– Está a sugerir vender-me, como fez com a minha mãe? Seu crápula desavergonhado! – Quase se expressou num grito e foram várias as cabeças que se voltaram na direção deles. Baixou a voz e inclinou-se sobre a pequena mesa. – Depois de todas as promessas que lhe fez de que cuidaria de mim!

– Que outras opções te restam? Tu própria disseste que não possuis aptidões. Precisas de refletir no que tens de negociável. Tanto quanto posso ver, há apenas uma coisa.

George avaliou-a casualmente, pensando sem dúvida em quão rapidamente um dos seus amigos a agarraria e lamentando o facto de não ser o único a desfrutar os segredos que ela tinha para oferecer.

Com o coração destroçado, Maggie baixou os olhos. Embora tivesse passado anos a fio a dizer a si própria que nunca cairia na armadilha que havia capturado a mãe, nesse momento encontrava-se perigosamente perto da beira do precipício. Se não encontrasse um protetor, um tutor, o que seria dela e de Anne? Odiando as palavras que sabia ter de pronunciar, continuou a fitar a mesa, mexendo na toalha.

– No caso de concordar, e não estou a dizer que o farei, lembre-se, como trataríamos do assunto?

– É bastante simples. Diria a alguns cavalheiros que estás disponível. Faria as apresentações. Se algum se mostrasse interessado, vocês os dois chegariam a um acordo pessoal. Eu negociaria as condições sobre a casa. O facto de seres tão bonita e ainda virgem tornar-te-ia muito procurada.

Maggie fez uma careta devido ao prazo. Parecia um animal prestes a ser levado para o matadouro.

– Não sei. Preciso de pensar.

– Claro, mas não demores muito.

A jovem levantou-se e olhou em volta com uma expressão ausente.

– Desculpe, mas não estou a sentir-me muito bem. Tenho de ir embora.

– Três meses, Maggie. Três meses é o tempo que te resta.

A voz de George desvaneceu-se enquanto ela se afastava desnorteada pelo meio da clientela. Lá fora, procurou uma carruagem, mas depois desistiu da ideia. Com o desespero bem à espreita, a última coisa de que precisava era desperdiçar algumas moedas numa carruagem alugada para o breve percurso até casa. Em vez disso, foi a pé, interrogando-se sobre como alguém que tinha acabado de completar dezanove anos podia sentir-se tão velho.

Os últimos dois anos da sua vida deveriam ter sido passados a celebrar a aproximação da idade adulta. A mãe imaginara-a uma jovem educada, planeara uma viagem ao continente, festas e convívio social, apresentações a jovens. E ainda um bom e sólido casamento com alguém generoso e de confiança. Nada disso acontecera. Em vez disso, tinha passado o tempo a cuidar de Rose, à medida que a sua saúde ia ficando mais fragilizada.

Agora, George esperava que com um simples estalar de dedos, ela mudasse de objetivo; que, por magia, estivesse pronta a retomar a sua vida anterior. Como poderia concretizar-se tamanho retorno?

– Homens... – murmurou enquanto chegava ao alpendre e subia os três degraus que a separavam da entrada. – Todos uns imbecis.

Empurrou a porta e entrou na salinha da frente. A casa tinha sete divisões no total, espalhadas por três pisos. Era pequena e simples, mas um lar.

– És tu, Maggie? – perguntou Anne do topo das escadas.

– Sim, Anne.

Maggie olhou para cima e avistou Anne que descia esplendorosamente, com passo de rainha. O simples vestido preto acentuava as curvas redondas e lascivas do seu magnífico corpo. O cabelo ruivo, o verde dos olhos, tornaram-se mais exuberantes ao serem banhados por um raio de sol do entardecer. Aos trinta anos era mais bonita do que nunca.

– Bom. O que queria ele? – quis saber.

Não sendo dada a jogar com as palavras, Anne ia sempre direita ao âmago da questão. Num mundo onde as pessoas raras vezes diziam o que lhes ia na mente, ela podia ser assustadoramente franca. Começou a descer as escadas enquanto Maggie demorava a pendurar a capa e o chapéu. Como poderia dizer à bela e maravilhosa Anne, que fora a sua boa amiga e companheira por tantos anos, o que ia acontecer?

– Sentamo-nos?

– Más notícias, não é verdade?

– Muito más.

– Então, venham elas! – insistiu Anne enquanto se sentavam lado a lado no pequeno sofá. – O que se passa?

– Ele vai casar-se.

– Há alguém que queira mesmo casar com aquele idiota chapado? É óbvio que a pobre mulher nunca se deitou com ele debaixo dos cobertores antes de tomar a decisão. Espero que saiba no que se vai meter.

Maggie conseguiu soltar uma risada.

– E vai vender esta casa. Temos três meses para decidir o que fazer.

– Bom. Acho que é um aviso justo. O que nos aconselha?

– Sugeriu que eu deixasse passar o meu nome à roda de amigos. Achou que poderia encontrar-me um cavalheiro com facilidade.

– O crápula!

Anne passou a mão pela testa num gesto cansado. De alguma forma, sempre soubera que aquele final chegaria. Devia ter entrado em ação mal perceberam que Rose estava doente. Agora, poderia estar ligada a alguém e teriam para onde ir. Não se importava de aceitar outro homem, se isso significasse impedir que Maggie tivesse de fazê-lo. Infelizmente não era fácil encontrar um protetor. Uma mulher precisava de referências de outros cavalheiros ou de amigas que espalhassem palavra e ela perdera muitos contactos ao longo dos últimos anos. Seria mesmo muito difícil encontrar um homem adequado em tão pouco tempo.

Com a mente num turbilhão, perguntou a Maggie:

– Já pensaste em voltar a contactar o teu pai?

Rose tinha-lhe escrito quando ficara doente e se tornou claro que não recuperaria, mas o duque não se tinha dado ao trabalho de responder.

– Se ele nem sequer reagiu ao último pedido da minha mãe, não imagino que pudesse ser mais bem-sucedida. Pelo menos, ele conhecia-a e supostamente amou-a. Eu nunca conheci o homem.

– Mas tu és filha dele. Talvez devesse tentar novamente.

– Sabes que isso não passa de uma fantasia, Anne – retorquiu Maggie calmamente.

– Sim, acho que é – concordou com um suspiro e dirigiu-se à lareira vazia, fixando-a sem se voltar até ter conseguido esboçar um sorriso luminoso. – Então, temos de aproveitar o tempo o melhor possível. O que gostarias de fazer?

– Não sei. Preciso de pensar.

– Bem. Acho que devíamos ir de férias, como tínhamos planeado.

– Não acredito que estejas a falar a sério! Com todos estes problemas sobre as nossas cabeças?

– É o melhor plano que me vem à cabeça. Além disso, já pagámos as passagens e o aluguer do nosso quarto na estalagem. Duvido que consigamos recuperar o dinheiro. A tranquilidade e a paz fora

da cidade podem ajudar-nos a ver tudo com mais clareza. Sabes tão bem como eu que a tua mãe desejaria que fôssemos. Era o seu lugar favorito em todo o mundo.

– Talvez tenhas razão.

– Claro que tenho – disse Anne ao mesmo tempo que se colocava atrás do sofá e massajava os ombros tensos de Maggie. – Só ficaremos fora alguns dias.

– Se, ao menos...

Contudo, não concluiu o pensamento. Se, *ao menos*, as coisas na sua vida tivessem assumido um curso diferente. Percorrera aquela estrada tantas vezes nos últimos meses e nunca fora dar a um lugar apazível.

– Se ao menos, o quê?

– Nada.

Anne deu a volta até à frente do sofá e abraçou Maggie com força.

– Resolveremos tudo, as duas. Iremos de férias e deitaremos fora essas horríveis roupas de luto. Vamos comer, dormir, aspirar a brisa do mar, e regressaremos a casa descansadas e prontas para enfrentar este mundo de uma figa.

Era impossível resistir ao entusiasmo de Anne e Maggie concordou com ela, tentando parecer confiante.

– Estou pronta, se também estiveres.

– Vai correr tudo bem, Maggie – garantiu Anne com um sorriso.

– Tenho a certeza. Faremos com que dê tudo certo.

2

Adam St. Clair retirou um copo de vinho da bandeja de um criado que ia a passar e tentou passar despercebido, o que era difícil dadas as circunstâncias. Ele era o solteiro marquês de Belmont e todas as mulheres presentes tentavam chamar-lhe a atenção. Jovens e velhas, altas e baixas, gordas e magras, vulgares e bonitas, todas esperavam que o seu olhar pousasse nelas e só nelas.

Não o ajudava o facto de ter sido agraciado com a alta estatura do pai, ombros largos, cabelo e olhos pretos. Ao longo dos seus vinte e nove anos, sempre ouvira dizer como era bonito, viril, primorosamente dotado e a sua beleza fazia com que as mulheres ainda o desejassem mais. Contudo, não se deixava iludir. Se fosse baixo e atarracado e com cara de sapo, as mulheres continuariam a procurá-lo, esperando conquistar um pouco da sua atenção.

Todas o desejavam e todas tinham segundas intenções. Algumas queriam partilhar o seu título, outras desejavam as bijutarias que o dinheiro pode comprar e havia as que pretendiam os benefícios de uma aliança com a família dele.

Infelizmente, ele não desejava nenhuma delas. Apenas queria conhecer uma rapariga disponível, uma jovem experiente que lhe oferecesse desinteressadamente a sua bondade e amizade, que gostasse dele pelo homem que era, descomprometido, mas a hipótese de tal coisa acontecer era quase nula. Em vez disso, encontrava-se em mais um estúpido baile, vestido com uma roupa desconfortável, comendo

alimentos leves regados com um vinho aguçado enquanto sorria e acenava com a cabeça até o rosto e o pescoço lhe doerem.

Era inacreditável a coscuvilhice sobre o seu iminente noivado. Seria aquele o ano em que escolheria alguém exterior à colheita da temporada das debutantes? Fizeram-se e perderam-se apostas à medida que os vários prazos chegavam e terminavam e ele não esboçava qualquer gesto para anunciar a sua escolha. Passou o Natal, o ano novo, o seu aniversário em fevereiro, os idos de março, a Páscoa e agora o primeiro de maio. Em todas essas datas, os salões de jogos enchiam-se de apostadores enquanto vários amigos e conhecidos tentavam adivinhar-lhe o pensamento. Deus do céu! Até o próprio *Times* entrara em campo, publicando uma caricatura deplorável de um cavalheiro que parecia correr freneticamente pelo meio de um labirinto intitulado «O Mercado de Casamento».

A pressão era insuportável, não só por causa do que qualquer dos presentes pensava ou dizia, mas devido ao prazo que impusera a si mesmo. Tencionava selecionar uma mulher até ao final do ano para que no seu trigésimo aniversário, no próximo fevereiro, estivesse a caminho do casamento. Ao vaguear os olhos pelo salão, recordou-se mais uma vez de como eram sombrias as suas perspectivas de encontrar alguém adequado.

Compreendia o seu dever para com o título, a sua família e o seu papel de um dos aristocratas mais ricos de Inglaterra quanto a casar e casar bem, mas não conseguia pura e simplesmente decidir-se. Ao longo dos últimos anos, enquanto a mãe discursava e membros da sociedade sustinham a respiração, observara uma série de jovens a desempenharem o seu papel de debutantes, esperando que uma delas lhe chamasse a atenção e facilitasse o doloroso processo de seleção.

Nenhuma delas o conseguiu.

A temporada de verão chegou mais uma vez e os três meses de festas e de bailes prolongaram-se infinitamente. Ele tinha-se convencido de que esse era o ano em que encontraria uma noiva à sua altura, mas, ao olhar à volta, não percebeu o que o levava a acreditar em tal coisa. Na realidade, o mundo deles era pequeno. Conhecia todas as famílias e as respetivas filhas e a tristeza residia em que todas aquelas jovens o entediavam de morte.

A maioria era indubitavelmente bastante bonita, mas tinham sido educadas para apenas manter o ar entre as orelhas. Mal sabiam ler e escrever e muito menos manter uma conversa inteligente. Nem sombra de pensamentos profundos, longas discussões filosóficas, ou debates acalorados, e, que Deus as livrasse, de manifestações emotivas. Tudo se limitava a sorrisos intermináveis e diálogos educados até por vezes sentir vontade de gritar. Assentar com uma daquelas jovens idiotas era impensável. Contudo, não lhe restava escolha.

Era do conhecimento geral. Nem sequer podia virar as costas sem que uma mãe, uma tia, um pai ou um amigo lhe pusesse uma jovem debaixo do nariz. O que não daria para abandonar tudo e fugir para viver a sua vida como uma pessoa anónima. Decerto haveria um lugar, talvez uma ilha tropical onde pudesse simplesmente ser ele mesmo.

James, o seu irmão mais novo, arrancou-o àquele triste devaneio.

– Olha, Adam, é o teu dia de sorte. O duque de Roswell, o grande Harold Westmoreland em pessoa, acabou de chegar na companhia da sua bonita filha Penelope – comentou com uma risada ao mesmo tempo que Adam estremecia. – Parece que te encontraram.

Adam gemeu. Não podia ir onde quer que fosse, sem que eles aparecessem uns minutos depois.

– Achas que têm alguém a seguir-me para descobrirem todos os meus movimentos?

James, aos vinte e sete anos, com dois anos menos do que o irmão, era talvez a única pessoa no mundo que compreendia as pressões inacreditáveis exercidas sobre Adam. Enquanto alguns homens se irritavam com o estatuto de irmãos mais novos, James lembrava-se de agradecer a Deus, pelo menos uma vez ao dia, por lhe ter poupado o fardo de um título.

– Encara isso deste ângulo. Pelo menos, vais abandonar a festa cedo. Em seguida, podemos desfrutar do resto da noite.

– É fácil para ti falares assim. Não é em ti que Penelope está de olho – resmungou Adam entre dentes.

– És mesmo um homem de muita sorte – comentou James com uma risada sem o mínimo intuito.

O duque e a sua comitiva encaminharam-se para os degraus do salão e a sua filha Penelope de dezoito anos perscrutou furtivamente

a multidão, tentando vislumbrar Adam. Quase sem se aperceber da própria reação, ele recuou um passo e ganhou alguma proteção e algum tempo atrás das folhas de uma planta colocada num vaso.

– Cobarde! – sussurrou James pelo canto da boca.

– Com bom motivo – respondeu no mesmo tom. – Imaginas-me algemado àquela pequena harpia durante o resto da vida?

– Tremo só de pensar nisso – disse James, passeando um olhar casual pelo salão. – Olha! Ali está a pequenita Arnold!

Era uma miúda linda. E doce, também, o que constituía uma refrescante mudança de ritmo das mulheres que encontravam nestas reuniões da alta sociedade. James tinha-lhe falado várias vezes, mas, à semelhança do que acontecia com as mulheres por quem se sentia atraído, a mãe dela afugentava-o sempre, antes que conseguisse pronunciar mais do que umas palavras de boas-vindas. Ninguém queria um segundo filho a fazer andar a cabeça à roda das filhas enquanto o primogénito estivesse disponível.

– Parece que ela perdeu temporariamente a mãe – observou Adam. – Talvez devesse aproveitar para a levatares até às nuvens enquanto tens oportunidade.

– Ainda bem que trouxe a vassoura. Apetece-me fazer uma pequena varredela – riu James ao mesmo tempo que se esgueirava habilmente pelo meio da multidão até junto da jovem.

James namoriscou escandalosamente enquanto Adam observava, pensando em como James era uma versão mais elegante e bem cuidada de si mesmo. Tinha a boa aparência dos St. Clair, embora o cabelo fosse de um ruivo mais acastanhado. Ao ver os dois irmãos juntos, muitas pessoas tinham sido ouvidas a comentar que haviam herdado todas as facetas da personalidade do pai. Adam ficara com o seu lado duro, cruel e insensível, enquanto James tinha sido agraciado com a sua natureza despreocupada, generosa e divertida.

Como resultado, James saía-se decididamente bem com as mulheres; nenhuma conseguia resistir-lhe. Adam invejava-lhe a graciosidade e amaldiçoara mais do que uma vez o destino, que o tornara primogénito. Como seria bom ser capaz de conhecer uma jovem, pedir-lhe para dançar, desfrutar de um almoço, ou levá-la a passear no parque, sem que toda a cidade de Londres especulasse sobre o facto.

Suspirou quando a mãe da jovem surgiu como uma tempestade e a desviou das atenções de James. Infelizmente, quando James se voltou a juntar a Adam, mãe e filha encontravam-se a pouca distância, do outro lado do vaso com o feto, sem se aperceberem da presença dos irmãos St. Clair, que escutaram assim todo o diálogo.

– Não vais falar novamente com ele – ralhou a mãe.

– Mãe, ele é muito terno.

– Mas não é o marquês.

– Eu sei.

– Então, não o encorajes. Deves concentrar toda a energia no mais velho dos dois.

– Por amor de Deus, mãe. O marquês não está interessado em mim e nunca estará. Consegue meter isso na cabeça?

– Estará, se soubermos jogar as cartas. Agora – os irmãos ouviram o movimento dos pés e o farfalhar dos vestidos enquanto as duas se afastavam – ouvi dizer que St. Clair não demorará a aproximar-se da mesa do bufê. Vamos procurar um sítio estratégico para nos colocarmos na fila logo atrás dele...

Adam fitou James pelo canto do olho, interrogando-se sobre quantas vezes se repetira aquela cena. Sem dúvida, demasiadas. A única vantagem que Adam via no casamento era a de que James poderia finalmente encontrar uma mulher por conta própria, sem ser ofuscado pelo irmão mais velho.

As duas faces ruborizadas de James indicavam a Adam que ele estava furioso. Fora isso, parecia exteriormente calmo enquanto bebia o vinho em pequenos goles.

– Lamento – disse Adam.

– O quê?

– Não... não sei. Lamento apenas – respondeu esvaziando o copo de um trago e tirando outro da bandeja de um empregado que ia a passar. – Odeio isso! Odeio-a a ela e à maldita da mãe – murmurou num tom violento. – Só espero que ela venha a casar com um marinheiro.

– Um ferreiro! – sugeriu James.

– Um lavrador!

– Sim! E que tenha dez pirralhos barulhentos!

– Todos eles vesgos e estúpidos!

– E só a mãe para cuidar deles.

– *Touché*. – Adam sorriu e tocou na borda do copo de James num brinde, feliz por ver que a troca de gracejos o fizera recuperar o bom humor.

Do outro lado da sala, Adam avistou o seu primo, Charles Billington, a falar com um desconhecido de cabelo preto. Mesmo à distância, era visível que estavam a trocar palavras acaloradas.

Embora as mães fossem irmãs, Charles em pouco se assemelhava aos seus dois primos St. Clair. Tinha herdado os traços Billington e, portanto, era vários centímetros mais baixo do que os dois irmãos, um indivíduo magro, com boa aparência, cabelo loiro e olhos azuis. Com vinte e oito anos, tornara-se um grande amigo deles, sendo quase considerado um terceiro irmão.

– Olha o Charlie – indicou Adam com o copo.

James seguiu-lhe o olhar.

– Talvez devêssemos seguir-lhe o exemplo e afastarmo-nos das regras da sociedade aristocrata. Talvez dessa maneira nos víssemos livres de todos esses problemas femininos.

– Vale a pena pensar nisso.

Charles era um retratista popular que conseguia ganhar bastante bem a vida pintando interpretações de beldades da sociedade. Complementava-a ocasionalmente através de transações questionáveis que eles preferiam ignorar. Como artista, eram-lhe permitidas muitas excentricidades, e na qualidade de sétimo filho de oito – os quatro mais velhos eram rapazes – não se preocupava com as aparências e a liberdade de que desfrutava fazia com que aterrasse sempre em qualquer tipo de confusão.

A sua curta vivência como soldado, que acabara cedo devido a um ferimento grave e a uma prolongada recuperação, poderia ter reduzido o seu desejo de aventuras nefastas, mas isso não acontecera. Aparentemente, não resistia à atração por qualquer tipo de pessoa ou de empreendimento duvidosos.

Os irmãos observaram em silêncio até a discussão terminar e o outro indivíduo se afastar com um ar furioso e ofendido. Charles avançou ao encontro dos primos como se não fosse nada com ele.

Adam não podia deixar de admirar a sua desenvoltura por entre os olhares de que foi alvo na sua passagem.

– Problemas no paraíso? – inquiriu James com um sorriso.

– Apenas um pequeno desentendimento sobre algumas libras – explicou Charles com um suspiro cansado. – Talvez devesse gastar mais as minhas energias a andar atrás de mulheres. Era decerto menos cansativo.

– Não me parece que o Adam esteja de acordo contigo – riu James.

– Também acho – concordou Charles ao mesmo tempo que percorria as imediações com o olhar e avistava todas as jovens que fingiam não dar pela proximidade de Adam. – Então, o que estavam os dois a fazer escondidos atrás da planta, brindando e rindo?

– Estamos a discutir a nossa *sorte* com as mulheres – respondeu Adam.

– Bem – explodiu Charles. – Vocês deviam converter-se ao catolicismo para poderem entrar numa dessas ordens religiosas e livrarem-se de preocupações. Constatou-me que há um bonito mosteiro nos arredores de Bath.

– Seria uma sorte – brincou Adam ao ver o cabelo branco do duque a brilhar num intervalo no meio da multidão. Penelope não podia estar longe.

James deu-lhe uma cotovelada fraterna.

– Podias muito bem ir desfrutar da música. Se continuares escondido aqui, vão pensar que estás a tentar evitá-los.

– Mas *estou* a tentar evitá-los – replicou Adam.

– Ora, ora. Não podemos deixar que perturbes os Westmoreland pois não? – repreendeu Charles. – Podias ferir os sentimentos da pobre Penelope.

– Duvido. Ela não os tem! – troçou James.

– Oooh. Um golpe baixo!

Quando a comitiva do duque se aproximou, dirigindo-se a Adam, Charles virou as costas para se afastar.

– Vais abandonar-nos? – perguntou James.

– Desculpa, mas esta noite não tenho estômago para bajulações – respondeu Charles, que foi engolido pela multidão, deixando os dois irmãos novamente sós.

Aguardaram em silêncio durante vários minutos até o duque se encontrar apenas a poucos passos de distância. Penelope mantinha-se pendurada no braço do pai, aceitando, com um aceno real de cabeça, as vénias e cortesias que sentia que lhe eram devidas.

James bebeu um largo trago do vinho.

– Prepara-te!

– Estou preparado – respondeu Adam com uma visível falta de entusiasmo.

O grupo em torno do duque envolveu-os como uma névoa. James sorriu e conversou sem problemas enquanto Adam se mantinha ao lado dele em silêncio e vigilante. Fizeram as esperadas vénias sobre a mão de Penelope. Ela era uma jovem bonita, com o cabelo loiro-palha herdado do pai a emoldurar-lhe perfeitamente o rosto em forma de coração. Tinha as faces e os lábios de um tom rosado e os olhos eram de um azul maravilhoso, ressaltado pelos enfeites azuis do vestido branco virginal. Era demasiado forte para o gosto de Adam, mas o peso extra enchia-lhe os braços, os seios e o rosto, dando-lhe o ar de uma linda boneca de porcelana.

– Que bom vê-lo esta noite, Adam – disse com uma voz ofegante, brindando-o com o seu melhor sorriso.

Penelope conhecia-o desde criança e os pais de ambos tinham sido bons amigos, portanto, sempre se sentira à vontade para o tratar pelo nome próprio, uma coisa que adorava fazer, dado que a colocava à frente do jogo com muitas das outras que disputavam a sua mão. As rivais ficavam profundamente irritadas com o facto de Penelope e o marquês se tratarem pelo primeiro nome.

– O prazer é recíproco. Está a gostar do baile? – perguntou, desejando levá-la a pensar que ele não lhe tinha prestado a atenção bastante para notar a sua entrada triunfal.

– Acabámos de chegar. E ainda nem sequer preenchi o meu cartão de dança – respondeu ao mesmo tempo que lho estendia com a certeza de que ele não podia recusar.

– Nesse caso, permita-me que seja o primeiro a inscrever-me.

Tinha de dar a mão à palmatória, pois encurralara-o bem. Agora, não podia esquivar-se a dançar com ela.

– Espero uma quadrilha, *sir*, e nada menos.

Penelope e o pai tinham discutido acaloradamente sobre se ela deveria ou não valsar com St. Clair. A jovem achava que, se forçasse uma maior proximidade física, talvez fosse mais bem-sucedida a cativar a atenção dele. Mas, por fim, haviam posto a hipótese de lado. A quadrilha era uma boa segunda opção, pois embora ele não a prendesse nos braços, a dança prolongar-se-ia quase por meia hora e poderia manter-se sempre ao lado dele enquanto executavam os intrincados passos.

– Terei todo o prazer – acedeu Adam, reprimindo o desejo de ranger os dentes ante a quantidade de tempo que teria de passar à conversa com a jovem durante a longa dança que ela pedira.

O duque afastou a comitiva, não sem que antes murmurasse ao ouvido de Adam e brindando James com um olhar brusco:

– Vá ter comigo à biblioteca dentro de quinze minutos. Preciso de discutir um assunto consigo, em privado.

Dado que Adam fazia questão em ignorar as diretivas do duque, chegou dez minutos atrasado, consciente de como esse pequeno desrespeito o irritaria. Era raro curvar-se à vontade de alguém, mesmo à de um homem tão poderoso como o duque de Roswell. Embora Harold Westmoreland se situasse hierarquicamente acima dele, os dois possuíam fortunas e propriedades de grandeza semelhante e Adam poderia traçar a linhagem a uma distância de três gerações mais antigas. Além disso, o indivíduo tinha apenas quarenta e poucos anos e dificilmente poderia usar a idade a seu favor. Para grande pesar do duque, Adam não se rojaria aos seus pés, como os demais faziam sempre que lhes dava ordens.

Ao entrar na sala forrada de livros, Adam quase sentiu vontade de rir pela forma como Harold tinha encenado a reunião. Deslocara uma grande poltrona para o fundo e colocara-se entre duas estátuas esculpidas. Sorvia um conhaque em pequenos goles e o efeito tornava-o decididamente um aristocrata.

Recusando aceitar as regras do jogo do duque, Adam optou por uma cadeira lateral e sentou-se fora da linha de visão do indivíduo, obrigando-o a rodar um pouco a cadeira para que os olhares se encontrassem.

– Diga, Harold? – perguntou Adam, depois de ter resolvido mais a seu modo. – De que se trata?

– Pensei que gostasse de saber que recebi mais uma proposta de casamento para Penelope.

– Parabéns. Quando é o feliz acontecimento?

Todo o sangue affluu ao rosto de Harold. Chegara ao extremo da sua sagacidade para tentar descobrir como apanhar Adam St. Clair numa cilada. À exceção de casar Penelope com um estrangeiro – algo que recusava fazer –, não conseguia encontrar um marido suficientemente nobre. Adam era o único inglês, atualmente à procura de mulher, que ele conseguia suportar pessoalmente e dono do título e da fortuna necessários para se ligar à família Westmoreland.

Penelope reclamava a união e enraivecía-se de dia para dia pelo facto de Adam recusar pedir-lhe a mão. Tinha tentado de tudo em que podia pensar, salvo comprometer-se. Harold recusava insistir para que ela descesse tão baixo.

– Ouça bem – retorquiu, tentando conter a irritação, mas sem resultado. – Quero que saiba que estou farto da sua postura.

– Mas que postura? – replicou Adam, adorando conseguir irritá-lo daquela maneira.

– Sabe muito bem a que me refiro. Estou meio decidido a aceitar a proposta. Decerto ia servir-lhe de lição perder a oportunidade de a ter.

– Então aceite, Harold. Não me interessa.

– O que diabo se passa consigo?

– Já lhe disse antes e repito: não me decidi. Penelope é uma menina querida – cerrou os dentes ao pronunciar a mentira – e, se lhe encontrar um par adequado, deve aceitar. Não faz sentido esperar por mim.

– O que o leva a hesitar tanto?

Adam encolheu os ombros. Não estava disposto a discutir a situação com Harold Westmoreland. James e Charles eram as duas únicas pessoas que mereciam a sua confiança sobre o assunto. Se contasse alguma coisa ao duque, ele encontraria uma maneira de usá-la como incentivo.

– Ainda não tomei uma decisão. É tão simples quanto isso.

– Não é não, porque está a brincar com os sentimentos da minha filha.

Na verdade, a Harold não lhe interessava o que Penelope desejava. Só o que ele desejava tinha importância.

– Harold, os dois sabemos que não fiz uma única coisa para encorajá-la. Se ela tem projetos a meu respeito, e a deixa pensar que estão a ser bem-sucedidos, nesse caso diria que a culpa é sua. E não minha.

– O que tem ela que o impede de se decidir? É muito jovem e ninguém melhor do que eu sabe como por vezes pode ser terrivelmente exigente, mas crescerá com o casamento. É o que acontece a todas e, portanto, não vejo como pode pensar em arranjar uma união melhor. Não percebo simplesmente o que deseja.

– Não tem nada a ver com Penelope. – Como odiava aquela situação! A ténue linha que Harold o obrigava a ultrapassar era insuportável. Não podia pura e simplesmente insultar a jovem, nem queria parecer um tímido idiota romântico à procura de compatibilidade e conveniência, mas tinha de dar qualquer desculpa. – Pretendo manter-me casado durante várias décadas e estou apenas a tentar ter a certeza de que consigo tolerar quem escolher.

– Deus do céu, Adam. No escuro, são todas iguais.

– Não é o escuro que me preocupa. É a manhã seguinte, do outro lado da mesa do pequeno-almoço.

– Então arranje uma amante – sugeriu Harold com uma risada aguda. – Passe as manhãs com ela. O seu pai fez isso durante anos. Não vejo porque é um problema tão grande!

Harold não via obviamente o problema. Estivera ligado a uma série de bonitas mulheres, umas atrás das outras, durante quase três décadas. A sua amante de momento encontrava-se no salão e fitava-o a uma distância discreta. Ele voltaria para se lhe juntar mais tarde, depois de acompanhar a família a casa. Como todos os homens da sua posição, não ligava aos seus atos.

Contudo, ele não vivera no lar St. Clair nem assistira à tremenda infelicidade que a amante do seu pai havia causado. Aston St. Clair apaixonara-se loucamente aos vinte e poucos anos e tinha sustentado essa mulher durante toda a sua vida. Tivera três filhos bastardos com ela e atrevera-se a providenciar o destino de todos após a sua morte, deixando-lhes uma bela casa, fundos fiduciários e, mais importante ainda, a legitimidade. Ao passo que James insistia que não se importava, Adam e a mãe mal conseguiam suportar a humilhação.

Todos os dias da sua vida, a mãe de Adam, Lucretia, tinha sido forçada a viver com a vergonha de saber que o marido a achava desinteressante em todos os aspetos. A fenda que a amante de Aston abriu no casamento deles levou-a a endurecer até se tornar atualmente uma mulher amarga e solitária. Não passava um dia sem que Lucretia acautelasse Adam quanto ao desgosto que causaria à sua futura família se alguma vez fizesse tal coisa à sua própria mulher.

Não, Adam St. Clair jamais teria uma amante. Casaria e manter-se-ia fiel aos seus votos, por mais que isso lhe custasse. Era o que tornava a sua escolha tão difícil, mas jamais admitiria tal coisa a Harold Westmoreland.

Levantou-se com um ar entediado.

– Há mais alguma coisa?

– Vou conceder-lhe mais um mês para pedir a mão dela.

– Então ficará a aguardar em vão – retorquiu Adam. Abandonou a sala com um brusco aceno de cabeça, voltando rapidamente à multidão, sem dar tempo a que o duque o seguisse e o abordasse novamente. Verificou, aliviado, que James o esperava no mesmo sítio onde o tinha deixado.

– Ia perguntar-te como correu – disse James com um sorriso irónico –, mas o teu olhar assassino impede que o faça.

– Filho da mãe – murmurou Adam. – A interrogar-me como se fosse um padre.

– Foi assim tão mau?

– Alguma vez tiveste vontade de desaparecer? – retorquiu o irmão, perscrutando a multidão deslumbrante. – Sair simplesmente daqui? Para qualquer lugar onde ninguém te conhecesse nem esperasse nada de ti?

Do outro lado do salão, James observou a jovem Arnold que dirigia um sorriso conquistador a Adam.

– Sim. Passo a vida a desejá-lo.

– Então, vamos embora. Só nós dois. Viajaremos anonimamente para qualquer lado. Fingiremos que somos trabalhadores do campo ou algo do género. Vamos beber, jogar, levar mulheres para a cama e divertir-nos.

– Que ideia positivamente escandalosa, Adam – comentou James.
– Contudo, a temporada começou agora e a mãe teria uma apoplexia se desaparecesses subitamente.

– Não me importa o que a mãe pensaria.

James fitou o irmão com um novo interesse.

– Estás mesmo a falar a sério?

– Sem dúvida. Sinto que vou enlouquecer se não fugir a tudo isto apenas durante uns tempos.

James sorriu, agradado com aquele impulso. Adam nunca fazia nada sem premeditação. Gastara toda a vida a estudar, a trabalhar e o peso das suas responsabilidades nunca diminuiu.

Adorando a oportunidade de trocar do irmão por um segundo, James comentou:

– Sinto o dever de mencionar o desgosto que todas as meninas e as respetivas mães vão sofrer, se não te encontrarem para te atormentar.

– Tenho a certeza de que conseguirão sobreviver à minha ausência por uns dias.

– Então, vamos fazê-lo. Onde gostarias de ir? Tens alguma ideia?

Adam fechou os olhos por um momento, ponderando em todas as hipotéticas direções que podiam tomar.

– Vamos apenas para o campo. Talvez acabemos ao longo da costa.

– Há anos que não vamos até lá, pois não?

– Não – concordou Adam. – E chegou a altura de voltarmos.

– Uma ótima escolha. Quando queres partir?

– Que tal agora mesmo?

– Estou pronto, se também estiveres.

Nesse preciso momento, a orquestra começou a tocar alguns acordes da próxima música e Adam fez uma careta.

– Oh, não!

– Diria que a tua repentina fuga foi à vida! – exclamou James a rir e dando-lhe uma palmada nas costas. – Parece indubitavelmente uma quadrilha.

– Que tal daqui a trinta minutos?

3

Maggie fitou o oceano. As águas eram de um azul luminoso, refletindo o bonito céu de maio. Quase não se via uma nuvem a pairar e que estragasse a perfeição do dia encantador. O vento ainda não começara a soprar e uma suave brisa ondulava, afastando-lhe somente um pouco o cabelo das faces, mas chegando para resfriar o ar quente. Lá em baixo, uma pequena praia isolada brilhava, tentando-a a que enterrasse os pés na areia fria. Sem hesitar, começou a descer o trilho bem definido que levava à costa.

Tinha ido à praia algumas vezes, quando a mãe vivia um espaço entre as relações e necessitava de descansar das suas preocupações na cidade. Ficavam sempre na Tidewater Inn, o lugar onde Rose passara férias uma vez com Harold Westmoreland, o duque de Roswell. Embora a sua ligação com o duque tivesse acabado de uma forma horrível, continuara a gostar do local. Era lá que Rose encontrava aparentemente o conforto de que precisava durante as suas curtas estadas. Regressavam a Londres com a mãe cheia de ideias e de planos sobre como conseguiriam outro rendimento, sobre como encontraria outro amante.

Depois da morte de Rose, parecia apropriado que Maggie e Anne fizessem o mesmo, embora, agora que George estava decidido a correr com elas da casa, não pudesse deixar de achar que o dinheiro que tanto se tinham esforçado por poupar devesse ser usado para um fim mais prático. Como o aluguer de um mês num apartamento que fossem habitar.

Ao chegar ao fundo do trilho, afastou os pensamentos angustiantes. De qualquer maneira, o dinheiro estava gasto, a viagem de carruagem e a reserva da estalagem haviam sido pagas antecipadamente e, portanto, não seriam reembolsadas. Anne dissera que não valia a pena preocuparem-se e, como habitualmente, tinha razão. Além disso, não mereciam um pouco de descanso depois do que haviam suportado no ano anterior? Rose era a única família que Maggie e Anne tinham no mundo e a morte dela fora prolongada e dolorosa. Não era decerto indecoroso que tirassem uns dias para retomar o fôlego antes de passarem à fase seguinte das suas vidas.

Felizmente estava sozinha na praia. Erguendo os olhos para o trilho que acabara de descer, não avistou ninguém que a tivesse seguido. Na colina inclinada, onde a Tidewater Inn se encontrava oculta por árvores e rochas, não havia ninguém a observá-la de qualquer dos bancos. Mesmo que assim fosse, pouco lhe importaria.

Sabia-lhe tão bem estar liberta do sufocante traje de luto. O vestido verde-claro de algodão leve era fresco e confortável. Descalçou as sandálias e pousou-as em cima de uma rocha grande; depois, levantou a saia e deu um nó na bainha para que as pernas ficassem expostas até acima dos joelhos. A modéstia impediu-a de ir mais longe e, por esse motivo, conservou as meias de vidro.

Correu pela areia e soltou uma leve exclamação quando os dedos dos pés apanharam o rebentar de uma onda que depois recuou. A água oferecia um frio contraste com a amena temperatura do ar e gritou de surpresa e de alegria. A correnteza puxava-lhe os pés; ela recuou de um salto, calculou quando a espuma branca do mar voltaria a avançar ao seu encontro e depois correu na sua direção. Brincou ao toca-e-foge vezes seguidas, enquanto corria para a água e depois recuava e se punha a salvo. Ocasionalmente, o oceano apanhava-a, encharcando-lhe as pernas e a orla da saia.

Indiferente ao sol brilhante e ao efeito que teria na sua pálida compleição, desatou as fitas do chapéu e atirou-o para a areia, onde ele flutuou até ao chão. Com a cabeça descoberta, voltou até junto da água, usufruindo a carícia do vento que a despenteava e lhe punha a roupa em desalinho. Fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. De braços estendidos, rodopiou em pequenos círculos,